

Building the way

EDUCAÇÃO, NEOLIBERALISMO E AS (IM)POSSIBILIDADES DO
PENSAMENTO CRÍTICO

*EDUCATION, NEOLIBERALISM AND THE (IM)POSSIBILITIES OF
CRITICAL THINKING*

Michele Barros Souza Iucatan¹ 

RESUMO

Este artigo analisa de forma crítica os efeitos do neoliberalismo na educação contemporânea, com foco nas consequências para a formação humana e o pensamento crítico. A partir do aporte teórico de autores como Maria Amália Andery, Christian Laval e Francis Vergne, Francis Wolff, Marilena Chauí, Pierre Bourdieu, Theodor Adorno, Chimamanda Adichie e Ildeu Coelho, esta reflexão examina como os impactos da racionalidade técnica e da lógica de mercado têm precarizado a formação, esvaziado o pensamento crítico e a dimensão emancipatória do conhecimento, culminando numa educação voltada à eficiência e à competitividade. Este texto também historiciza a transição da sociedade analógica para a digital, marcada pela centralidade das tecnologias, pela fragmentação e substituição das relações humanas por algoritmos. Este artigo evidencia que sob a lógica da produtividade capitalista, a educação deixa de ser espaço de pensamento reflexivo e crítico para se tornar instrumento de conformação ou adaptação. A partir da reflexão filosófica, este estudo pretende apontar caminhos possíveis para resgatar o papel crítico e social da escola. Defende-se uma educação que valorize a leitura, a cultura, a arte e as humanidades, e principalmente, o pensamento crítico-reflexivo como potencial de superação e resistência ao esvaziamento da formação humana. Objetiva-se também argumentar que a educação deve formar sujeitos conscientes, críticos, humanizados, e emancipados, e não apenas mão de obra padronizada para o mercado, já que a educação é um ato político fundamental para a construção de uma sociedade justa, humana e emancipada.

¹Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Estadual de Goiás (PPGE/UnU Inhumas).

michelenglish4@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1941346503743347>

<https://orcid.org/0009-0006-7511-2172>

Building the way

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Neoliberalismo; Pensamento crítico; Emancipação; Racionalidade técnica.

ABSTRACT

This article critically analyzes the effects of neoliberalism on contemporary education, focusing on the consequences for human development and critical thinking. Drawing on the theoretical contributions of authors such as Maria Amália Andery, Christian Laval and Francis Vergne, Francis Wolff, Marilena Chauí, Pierre Bourdieu, Theodor Adorno, Chimamanda Adichie, and Ildeu Coelho, this reflection examines how the impacts of technical rationality and market logic have undermined education, emptied critical thinking, and diminished the emancipatory dimension of knowledge, resulting in an education system oriented toward efficiency and competitiveness. This text also historicizes the transition from analog to digital society, marked by the centrality of technology, the fragmentation of experience, and the replacement of human relationships by algorithms. The article highlights that under the logic of capitalist productivity, education ceases to be a space for reflective and critical thought and becomes an instrument of conformity and adaptation. Through philosophical reflection, this study aims to point out possible paths to reclaim the critical and social role of the school. It advocates for an education that values reading, culture, art, and the humanities, and above all, critical and reflective thinking as a means of resistance and a potential path to overcoming the erosion of human formation. The article also argues that education should shape conscious, critical, humanized, and emancipated individuals, not merely standardized labor for the market since education is a fundamental political act for building a just, humane, and emancipated society.

KEYWORDS: Education; Neoliberalism; Critical thinking; Emancipation; Technical rationality.

Considerações iniciais

A educação sempre foi atravessada e estruturada ao longo da história por diferentes formas de organização social e modelos de racionalidade, moldando-se conforme os interesses hegemônicos de cada época. Longe de ser uma prática neutra, ela sempre esteve articulada a interesses e projetos políticos e econômicos. Sob a hegemonia do

Building the way

neoliberalismo, uma crise educacional vem cada vez mais se aprofundando, afetando os conteúdos, métodos pedagógicos e, principalmente, o próprio sentido da formação humana.

Esta reflexão propõe o movimento de se refletir sobre as implicações do neoliberalismo na educação contemporânea, à luz do pensamento de autores e autoras que tensionam as fronteiras entre ciência, conhecimento, cultura e política. O objetivo é compreender como o avanço da racionalidade técnica e instrumental, juntamente aos interesses econômicos de determinados grupos sociais e as demandas do mercado, compromete os fundamentos críticos, reflexivos e emancipadores da escola como espaço público.

Assim, em consonância aos imperativos de mercado, a pressão pela produtividade, competitividade e pela maximização do lucro, a escola tem sido reduzida a um espaço de “treinamento” técnico para o mercado de trabalho, apagando cada vez mais a sua função social, e deixando de formar sujeitos autônomos e críticos. Nesse contexto, a formação humana é substituída por um arcabouço de habilidades operacionais e competências técnicas, transformando o processo educativo em um simulacro de liberdade e emancipação. Será que educar, hoje, não tem se reduzido a ensinar a sobreviver, em vez de formar sujeitos capazes de pensar criticamente sobre si mesmos, sobre as relações humanas e sobre a realidade que os circunda?

Maria Amália Andery (2012), em *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica* apresenta uma abordagem epistemológica do conhecimento científico, revelando as nuances que consolidaram um modelo de racionalidade baseado na objetividade e na separação entre sujeito e objeto. Tal modelo favoreceu o desenvolvimento técnico, mas afastou o saber de sua dimensão ética, histórica e existencial. O saber então a partir da modernidade e da racionalidade técnica alcançou a educação, agora reprodutora de uma formação para a padronização, para a eficiência e adaptabilidade.

Christian Laval e Francis Vergne (2023) tecem uma forte crítica ao esvaziamento da escola pública diante das pressões neoliberais. Segundo eles, a escola é “pressionada” a formar sujeitos autônomos, mas que ao fim e ao cabo, estão cada vez mais subordinados às exigências do mercado e da competição meritocrática. Essa falsa ideia de autonomia gera sujeitos fragilizados, vistos como resultado de fracassos estruturais.

Pierre Bourdieu (2001), por sua vez, contribui sobremaneira com a discussão tecida neste artigo ao compreender a escola como mecanismo de reprodução das desigualdades sociais. Para ele, a falsa ideia de que a escola é neutra disfarça os mecanismos simbólicos que legitimam a exclusão. A linguagem, a forma, os conteúdos curriculares e os critérios de avaliação favorecem grupos dominantes, reproduzindo e reforçando o peso que o capital cultural tem, além de excluir os grupos

Building the way

vulneráveis e que não possuem os mesmos privilégios e *status* social.

Também no mesmo viés, Marilena Chauí (1980), ao refletir sobre o “discurso competente”, evidencia como a lógica tecnocrática da educação produz a exclusão simbólica dos “incompetentes sociais”. Para ela, o conhecimento que seria potencial de libertação é transformado em privilégio, tornando-se inacessível à maior parte da sociedade, passando a servir como mecanismo de dominação. Adorno (1990), com o mesmo tom crítico, convoca a refletir sobre a importância de uma educação voltada à emancipação, que promova o pensamento autônomo, a memória histórica e a recusa da barbárie. Para ele, é assim que são propiciadas as condições para que Auschwitz não se repita, e não se naturalize. E isso exige uma formação que valorize a sensibilidade, o humanismo, a ética, a reflexão e a crítica.

Também usaremos nesta reflexão a voz de Francis Wolff (2018), que ao discutir as três utopias contemporâneas, afirma que o esvaziamento das grandes narrativas coletivas é o que tem conduzido ao enfraquecimento da vida pública e para a despolitização. Assim, a educação, na modernidade, mostra a sua incapacidade de promover o pensamento crítico no contexto de formação humana.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009), em sua obra *O perigo de uma história única*, aborda criticamente a narrativa hegemônica que silencia ou exclui outras histórias, saberes e modos de ser e estruturar a realidade. Para a autora, a sensibilidade e alteridade de contar e de escutar outras “vozes”, outras histórias, é essencial para a construção de uma identidade cultural plural e crítica. Nesse sentido, a educação não pode limitar-se à reprodução de uma única visão de mundo, ela deve ser espaço de humanismo, de reconhecimento da diversidade cultural.

Já o professor e filósofo Ildeu Moreira Coêlho (2015), ao refletir sobre os sentidos da escola, afirma que a missão da educação não é preparar para o mercado, mas para a liberdade, para a emancipação. Educar para a liberdade é formar para o pensamento autônomo e crítico. Isso exige uma ruptura com a lógica da eficiência e da padronização, que tanto assola as políticas públicas educacionais.

Ao mobilizar esses autores, este trabalho pretende mostrar que a crise da educação faz parte de um projeto de sociedade que valoriza mais as métricas, o lucro, a fetichização da mercadoria, do que a própria vida humana, e por conseguinte, valoriza mais o consumo do que o pensamento crítico, daí as (im)possibilidades do pensamento crítico na atual conjuntura educacional atravessada pelo neoliberalismo. Mas toda crise também carrega a possibilidade de mudança, de transformação, e é nessa que este texto acredita.

Esse cenário de crise e de fragilização da formação escolar exige que repensemos os fins da educação. Que tipo de sujeito queremos

Building the way

formar? A quem a escola deve servir? E que valores devem orientar o processo formativo em uma sociedade marcada por desigualdades e exclusões? Essas perguntas são fundamentais diante do crescente esvaziamento crítico do pensamento e da forte adaptação das instituições educacionais a métricas, *rankings* e avaliações de desempenho (os famosos *balanced scorecards*, que transformam a educação como bem afirma Paulo Freire, numa educação bancária).

Este artigo então propõe refletir sobre os impactos da racionalidade dominante, mas também refletir sobre a construção de caminhos possíveis para resgatar o processo formativo como espaço de humanização, valorização da arte, da filosofia, da leitura, da literatura e do diálogo como *práxis* educativas fundamentais. O conhecimento não pode ser reduzido a um conjunto de competências produtivistas.

A reflexão filosófica que orienta este texto busca compreender como a racionalidade neoliberal fragiliza a educação, bem como tenta percorrer caminhos que apontem para as possibilidades de resistência a partir da educação crítica, comprometida com a emancipação humana. É nesse espírito que esta reflexão se desenvolve, entre as (im)possibilidades, entre a resistência ao que está posto e a construção do que ainda pode ser.

Educação entre a racionalidade técnica e o pensamento crítico

Ao longo da história, a educação foi sendo estruturada de acordo com a racionalidade dominante. Segundo Andery (2012), “a ciência moderna consagrou o método como garantia de objetividade, apartando o sujeito do objeto” (p. 77). Tal fragmentação possibilitou o avanço técnico e foi afastando a educação de seu compromisso com a formação humana. O conhecimento passou a ser visto fora de suas bases históricas, como produção humana e cultural, passando a servir como esteio meramente instrumental.

A ciência moderna influenciou os modos de ensinar e aprender, transformando o saber em algo dissociado da experiência e do compromisso ético com o mundo. O conhecimento, antes compreendido como parte de um processo dialógico, cultural, histórico, foi sendo reduzido à maximização de produção e, conseqüentemente, de lucro. Também foi reduzido à pacotes de informações e dados quantificáveis e vendáveis, métricas e técnicas funcionais e padronizadas.

Esse movimento foi aprofundado pela ascensão do neoliberalismo, que impôs à educação um papel utilitarista, voltado ao mercado de trabalho, à competitividade e à produtividade. Laval e Vergne (2023) observam que “a escola é chamada a formar indivíduos autônomos, mas privados de poder real” (p. 84). Nesse sentido, a autonomia se torna mera adaptação ao que está posto e naturaliza as estruturas desiguais. A autonomia, nesse contexto, é sinônimo de

Building the way

conformação às exigências do mercado, o que pode gerar o fracasso escolar e ainda passar a sensação que esse fracasso é culpa dos sujeitos, que esvaziados de pensamento crítico, sequer conseguem questionar o sistema.

É justamente essa lógica desigual e excludente que a filósofa Marilena Chauí (1980) denomina de “discurso competente”, *i.e.*, um saber institucionalizado que “produz sua contraface: os incompetentes sociais” (p. 5). Para ela, a educação tecnocrática não busca emancipar, mas selecionar, esvaziar, domesticar e silenciar os sujeitos. A educação se transforma em esfera que legitima desigualdades com a aparência de mérito, mas com a essência vazia e sem sentido.

O discurso competente na formação contemporânea é o crivo que justifica a inclusão de alguns e a exclusão de muitos. Ao “criar” uma linguagem autorizada, o discurso competente determina quem pode falar, o que pode ser dito e em que lugares ou circunstâncias. O restante é considerado “balbúrdia”, ignorância, desvio. A pedagogia da domesticação substitui o diálogo pela adaptabilidade.

Nesse mote, se a sociedade outrora analógica, tinha o conhecimento mediado por instituições de ensino, escolas e universidades, professores e livros, interações sociais, na sociedade digital, performática e eficiente, o conhecimento é raso e viral, é flutuante, artificial, hoje é, amanhã já não é mais, é controlado ou enviesado por linguagem de máquina, ou seja, por algoritmos.

A lógica da educação passa a ser a lógica que atende o mercado, a educação é bancária, mercadológica. Nesse sistema cortado pelo liberalismo e, em seguida, pelo neoliberalismo, o tempo não possibilita mais condições para aprendizagem a partir de interações sociais, fomentadas pelo pensamento crítico, pelos questionamentos. No espaço automatizado das relações humanas, os algoritmos atuam como novas forças simbólicas: regulam o que falar e como falar, apagando a pergunta fundamental - por que falar? E se os algoritmos determinam o que dizer e como dizer, que espaço resta à formação de sujeitos autônomos e críticos na educação?

Chauí (1980) afirma que “não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa a qualquer outro em qualquer ocasião e em qualquer lugar” (p. 6), mostrando como o controle simbólico é mantido pela estrutura discursiva da competência. Isso se intensifica no mundo digital, onde poucos detêm os meios de produção e disseminação do conhecimento. A ilusão de um acesso universal à informação encobre as desigualdades na capacidade de apropriação crítica do saber, obscurecendo o fato de que o simples acesso não garante a formação do pensamento autônomo e crítico.

O conhecimento na lógica neoliberal é mercadoria. Ele está “acessível” em *softwares*, plataformas, cursos pagos, bancos de dados, que

Building the way

estão colocando as escolas públicas e universidades em segundo plano. A fragmentação do conhecimento em “conteúdos” funcionais e úteis gera um grande problema, o aumento do pensamento acrítico: sujeitos que sabem clicar, mas não sabem pensar. Mas na lógica neoliberal isso não é um problema, já que a pedagogia da produtividade quer produzir sujeitos “empreendedores”, como apontam Laval e Vergne (2023, p. 91-92), sujeitos iludidos com a ideia de liberdade, meritocracia, mas que vivem em constante competitividade, se culpabilizando quando fracassam.

A racionalidade técnica, denunciada por Adorno (1990), transforma a educação em mera transmissão de conhecimento, em capacitação profissional. “A formação se converte em qualificação profissional e perde sua dimensão de autoconhecimento” (p. 123). Quando o objetivo da formação é apenas o desempenho, o sujeito perde sua essência, sua capacidade de refletir sobre o mundo e sobre si mesmo.

A redução da educação à técnica compromete sua dimensão ética, estética e política. A técnica opera com a lógica da eficácia, mas a formação humana exige reflexão, tempo, relações humanas e sensibilidade. Adorno nos lembra que a educação crítica é aquela que desperta a consciência histórica e resiste à repetição da barbárie. Ela não pode ser substituída pelo condicionamento técnico da performance capitalista.

A educação contemporânea, principalmente nos últimos anos, está sendo mais fragilizada ainda com o crescente uso de inteligência artificial e dos seus *chatbots* como *ChatGPT*, entre outros similares. A substituição da interação humana pelo algoritmo tem acelerado progressivamente o esvaziamento das relações humanas. Neste contexto, Wolff (2018) pondera que o homem moderno frente às impossibilidades ou fracassos das utopias, encontra-se no individualismo, no consumo e perde a crença de um destino coletivo. “Talvez a democracia seja inatingível” (p. 110). Mas ainda assim, Wolff mantém a perspectiva de que “[...] ainda assim podemos nos esforçar para instituí-la, refundá-la e alcançá-la” (p. 110).

De fato, as tecnologias, o avanço da indústria, a corrida mercadológica, a maximização do lucro, a fragmentação do conhecimento, faz com que a educação perca cada vez mais a sua função social transformadora e se adapte à lógica do mercado. A educação torna-se produto de *marketing*, e como bem disse Adorno (p. 46-47), a propaganda, o *marketing*, é um recurso das elites.

Assim, o empobrecimento do pensamento crítico é consequência direta do modelo educacional neoliberal. Ao eliminar a dúvida, o questionamento, o pensamento crítico, esse modelo promove uma cultura da conformidade. A reflexão é substituída por resultados. O pensamento torna-se automatizado, logo não há espaço para o exercício de se pensar criticamente. Em que medida a automatização do

Building the way

pensamento nas práticas educativas esvazia a liberdade do pensamento consciente e crítico?

Como alerta Chauí (1980), o saber crítico é considerado incompetente (p. 12-13), pois ameaça a estabilidade da ordem vigente. A escola deixa de formar sujeitos pensantes para formar trabalhadores. Mas apesar do cenário de crise, as resistências emergem. E é urgente compreender conscientemente que a educação é um ato político. Educar é lembrar, refletir e recusar a repetição da violência institucionalizada e recusar o “fim” do pensamento crítico.

A memória, nesse sentido, não é apenas lembrança do passado, mas compromisso com o presente. A escola que educa para a emancipação não teme a complexidade, não evita a diversidade cultural, não falseia a realidade, não esconde os conflitos e contradições, pois como parte da condição humana é objeto do pensamento crítico, único bem intangível capaz de criar as condições para a transformação social.

Sobre a complexidade da condição humana, Chimamanda Ngozi Adichie (2009), alerta sobre “o perigo de uma história única” e a importância de recuperar as vozes silenciadas para a construção de uma identidade plural, principalmente, as femininas, silenciadas no decorrer da história. O pensamento crítico, portanto, deve rejeitar toda tentativa hegemônica de se manter uma história única.

Recusar uma história única é recusar também uma educação única, uma educação padronizada. É reconhecer que há múltiplos modos de ensinar, de aprender, de ser. É valorizar os saberes tradicionais, os conhecimentos indígenas, as dimensões culturais, e ser consciente de que elas são bens coletivos e não propriedade privada, com “fins lucrativos”.

O sentido da escola não está na adaptação ao mercado, mas na formação para a emancipação, que implica valorizar o pensamento crítico. O resgate do humano na educação passa pela valorização da cultura, da arte, da filosofia e da leitura como formas de resistência ao empobrecimento do pensamento. É preciso então resistir ao discurso competente, à lógica de mercado, à reprodução e à conformação do sistema. A formação crítica exige que a escola seja espaço de pensamento, que possibilite a autonomia, o diálogo, a escuta do outro, que não eduque para a domesticação, mas para o movimento da emancipação.

Portanto, em meio às demandas neoliberais, à tecnocracia e à inteligência artificial, é urgente afirmar o valor da formação humana integral. Educar é resistir à lógica da exclusão e afirmar a dignidade de cada sujeito. É cultivar a esperança, como ato político, é cultivar o pensamento crítico como potencial de resistência, é cultivar a educação que transforma pessoas, como afirma Paulo Freire. E se educar é, de fato, um ato de resistência e esperança, até quando toleraremos um modelo de educação que domestica e adapta, ao invés de emancipar e transformar?

Building the way Considerações finais

É possível concluir que a crise da educação contemporânea é uma crise de sentido, do sentido crítico do pensamento, é uma crise do papel da educação na criação das condições que favorecem o florescer desse pensamento crítico. Quando a educação se submete às lógicas do mercado e da produtividade, ela deixa de ser espaço de formação humana e passa a servir como mecanismo de adaptação social. A educação, que deveria cultivar o pensamento, a sensibilidade e a crítica, converte-se em mecanismo de conformismo.

O modelo neoliberal de sociedade molda um sujeito acrítico, funcional, adaptável, competitivo, e profundamente fragmentado, sem memória de consciência histórica. Sujeito treinado para o desempenho e a eficiência, que não pensa sobre si, sobre os outros ou sobre o mundo. E a educação submissa ao capital não fornece a esse sujeito as condições necessárias para a libertação. Os imperativos de mercado, a técnica, o capital, padronizam a educação, a fragiliza, e faz com que cada vez mais ela entre em crise e se perca em sua função social.

Contudo, como mostram os autores ao longo deste artigo, é possível resistir a esse obscurecimento do sentido da educação. A educação é uma construção social e histórica baseada em conhecimento, rigor científico e cultura. Assim, a cisão entre sujeito e objeto, imposta pela racionalidade moderna, deve ser superada com vistas, principalmente, à emancipação da consciência.

Para superarmos a lógica da educação mercadológica sob o controle do neoliberalismo, é preciso resgatar o valor do espaço público, da escola como instituição formadora de sujeitos conscientes e críticos. E isso implica romper com histórias únicas, com utopias que não se sustentam, com o excesso da eficiência, com a crescente demanda pela maximização da produtividade e instrumentalização da educação, para propor uma pedagogia da emancipação.

É assim que este artigo se inscreve, no exercício da reflexão por uma educação que resista aos imperativos neoliberais, que rompa com a lógica da produtividade. Formar sujeitos livres, críticos, humanos e emancipados, é o sentido primeiro da educação. Enfim, é preciso reafirmar que o sentido da educação democrática não é preparar para o mercado, mas para a vida, para o mundo, em que o “era uma vez” seja para todas as histórias. A educação que queremos é aquela que forma para a liberdade do pensamento crítico e o pensamento crítico é, por excelência, um ato político.

REFERÊNCIAS

Building the way

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ANDERY, Maria Amália Pie Abib et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 9. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos sobre educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 1980.

COELHO, Ildeu Moreira. **Escritos sobre os sentidos da escola**. Brasília: Liber Livro, 2015.

LAVAL, Christian; VERGNE, Francis. **Educação democrática: a revolução escolar iminente**. São Paulo: Boitempo, 2023.

WOLFF, Francis. **As três utopias contemporâneas**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.